A queda de Bruxelas

Partilhar | Comentários | 9 Nov, 2015

Em 2015, face às massas imparáveis de "migrantes" e ao total caos na coordenação da União Europeia, não são poucos os políticos que anunciam o fim da Comunidade.

A História não se repete, mas às vezes o presente é muito similar ao passado. Roma não foi feita num dia, e também não caiu em apenas um. Em vez disso, a velha Imperia foi minada internamente por migrações que, com o tempo, se tornaram invasões e saques. Roma deixou lentamente de existir.

O projecto europeu segue um sofá do uma escala similar. Em meados do início deste século ainda era apontado como um grandioso sucesso, mas desde a péssima gestão da a total ausência de solidariedade europeia dos resgates de Irlanda, Grécia e Portugal, o mito da Europa de Bruxelas tem-se vindo a desmoronar.

Hoje, 15 por cento dos portugueses acham que a União é um "desperdício de dinheiro". 18 por cento consideram que a UE permite demasiada imigração descontrolada, 24 por cento associam o "projecto europeu" ao desemprego e a minoria especialmente os mais jovens e 12 por cento pensam que Bruxelas rouba está a roubar a identidade cultural. Isto, segundo um estudo da própria União Europeia.

A crise dos "migrantes", cliros sírios apesar de uma grande maioria ter proveniência de outros países, apenas mostrou ainda mais as enormes divisões entre os países desta "União" muito pouco unida, e colocou à vista de todos o caos que se vive em Bruxelas.

Em apuros

"A Europa está em mau estado", afirmou Martin Shultz, o alemão que preside ao Parlamento Europeu, quando jornalistas em Bruxelas lhe perguntaram se considerava que estava a possibilidade de a UE se dissolver.

Marine Le Pen, líder da Frente Nacional, discorda de Shultz, mas apenas na terminologia, relatando que "Europa" seja sinónimo de "União Europeia".

"Destruam a União Europeia, não a Europa", desafiou Marine em entrevista ao jornal "Der Spiegel". Nos próximos meses, a líder nacionalista francesa poderá ser uma figura de enorme relevo nesta crise que a UE enfrenta: o seu partido lidera todas as sondagens e, caso consiga vencer as eleições locais em Dezembro, o caminho ficará aberto para vencer ainda mais assentos na Assembleia Nacional. Uma presença na segunda volta das eleições presidenciais francesas também é uma possibilidade muito real, bem como uma aliança do seu partido com a ala eurocéptica do partido de Sarkozy. A saída de França do que Marine considera ser a "União Soviética Europeia" será certamente o fim do projecto.

A situação tornou-se tão grave que até Jean-Claude Juncker, o presidente da Comissão Europeia, admitiu que "a União Europeia não está a ir muito bem". Numa reunião com o Partido Popular Europeu, o homem que, pelo menos teoricamente, lidera Bruxelas, admitiu que a UE está em declínio. O Chanceler da Áustria, Werner Faymann, foi mais directo, ao afirmar que a UE se encontrava para "um colapso silencioso", algo que, na sua opinião, "irá constatar-se cedo".

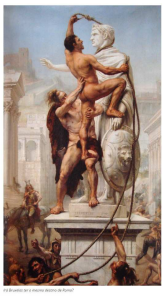
O problema fulcral está em como lidar com a crise dos imigrantes, mas as profundas divisões entre oferta e expansão não facilitam o problema. Quando a Áustria e a Hungria anunciaram que iam construir cercas para impedir a invasão descontrolada de imigrantes, a expansão europeia irrompeu em protestos. O baixo nível das acusações mútuas entre países chegou ao ponto de o ministro do Interior da Alemanha, Thomas de Maizière, acusar os austríacos de terem despejado imigrantes na fronteira alemã e coberto de neve.

"Se não se encontrar em breve uma solução para o problema dos imigrantes, a União Europeia vai-se partir aos bocados", prevê Mira Caras, primeira-ministra da Eslovénia, um dos países mais afectados pela crise migratória, admitindo que já é "uma questão de semanas". No centro da Europa, a UE, para todos os efeitos, já quase não existe, vista que todos os países fecham fronteiras e trocam acusações que os jornais internacionais apenas sumariam como "agressivas".

Chantagem

Se alguns países se encontram em situações desesperantes, os líderes de outros lançam declarações bombásticas para tentarem obter o que querem por via da chantagem. A chanceler alemã, Angela Merkel, tomou ganhos pontos no início da crise migratória ao abrir todos imediatamente as fronteiras. Só este ano chegou um milhão de refugiados à Alemanha, um número muito maior do que os 200 mil prometidos por Merkel.

Se a máquina de politicamente correcto dos a entender, numa fase inicial, que a chanceler se tinha tornado mais popular, a "mulher silenciosa" depressa retratadores a verdade dos factos. A popularidade de Merkel tem vindo a cair de forma rápida, e a CDU, uma espécie de PSD-Madeira em versão alemã, à qual pertencem todos os deputados da Baviera, ameaçou abandonar o apoio ao governo de Merkel, algo que acabaria com a sua consulado de uma década. Para evitar a queima de relações, Merkel concordou em criar centros de registos dos migrantes na Alemanha e em outros países europeus. Também Ross acordado que nenhum imigrante poderá receber apoios sociais até estar registado. Tudo muito bonito, mas o acordo de Merkel necessita de aquiescência dos restantes países europeus, porque uma das regras que os alemães querem impor é que os migrantes fiquem no país onde são registados. Só que muitos dos restantes países não os querem, ou não podem, acolher.



Até agora, a chantagem não produziu grandes resultados. Muito pelo contrário, a Polónia virou de forma drástica à direita, dando uma inédita maioria absoluta a um partido eurocéptico e anti-imigração. Na Suécia, o partido eurocéptico Democratas Suecos lidera as sondagens. Na Alemanha, os eurocépticos da Alternativa para Alemanha também sobem, e a Reino Unido continua determinada em realizar um referendo à permanência na União. Especialmente descontentes estão os gregos, pois relativizado por uma União que agora quer que o país aceite 50 mil refugiados e assuma a responsabilidade pela seu salvamento na mas Note-se que metade da marinha grega está parada por falta de financiamento.

A comissão atribuiu 6 milhões de euros para ajudar, mas alemão diz que precisa de, pelo menos, 400 milhões de euros só para reconstruir todas as estruturas de fiscalização que foram encerradas nos piores dias de audiência. A UE não parece realmente saber o que quer, e Donald Tusk, presidente do Conselho Europeu, considerou os recentes desenvolvimentos como "um terramoto político". De facto, Bruxelas já treme.

Sem rumo

A Comissão atribuiu 6 milhões de euros para ajudar, mas alemão diz que precisa de, pelo menos, 400 milhões de euros só para reconstruir todas as estruturas de fiscalização que foram encerradas nos piores dias de audiência. A UE não parece realmente saber o que quer, e Donald Tusk, presidente do Conselho Europeu, considerou os recentes desenvolvimentos como "um terramoto político". De facto, Bruxelas já treme.

TWITTER | FACEBOOK | GOOGLE +

« PREVIOUS ARTICLE
A descoberta dos segredos arqueológicos de Lisboa

NEXT ARTICLE »
O deputado que quis tostadas e 15 de bolso

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...

1 Comment | Jornal Diabo | Login
Recommend | Share | Sort by Best
Join the discussion...
DISQUS

ALSO ON JORNAL DIABO

Degradação da economia pressiona Antonio Costa

Requiem pela Constituição de Abril

Angolanos têm sucesso onde o "Magalhães" fracassou

Isolamento de Costa vai custar-nos caro

CAPA

SIGA-NOS

INSCREVA-SE NA NEWSLETTER

Fields marked with an * are required
Nome *
e-mail *
Enviar